

# Bastidores: corpo, lugares, experiências e suas relações na criação de sentidos críticos de aprendizagem<sup>1</sup>

Entre Bastidores: cuerpo, lugares, experiencias y sus relaciones en la creación de significados críticos de aprendizaje

*Backstage: body, places, experiences and their relations in the creation of critical meanings of learning*

**Ana Rita Teixeira**

*UIDEF, Instituto de Educação da Universidade de Lisboa e CIEBA,  
Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa  
anarita11@edu.ulisboa.pt*

## RESUMO

Bastidores é um fanzine sobre os vários lugares e relações onde se concebe, (re)pensa, reflete e acompanha o processo de criação de um projeto educativo-artístico participativo e colaborativo sobre criatividade simbólica, no âmbito do Doutoramento em Educação Artística. O projeto propõe a exploração do movimento do corpo na criação de sentidos críticos de aprendizagem em contexto universitário.

O trabalho prático tem sido desenvolvido com alunos da Licenciatura em Educação e Formação, na unidade curricular Educação e Dinâmicas Artísticas, e com professores e doutorandos, do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, Portugal. Contudo vários são os atores que compõem o quórum de pesquisa que conosco colabora, bem como os espaços e experiências pedagógicas onde se inventam as práticas educativo-artísticas que propomos.

Como nos instiga o número desta revista, “Bastidores” assume-se enquanto relato-performance didático sobre um diálogo (in)visual transdisciplinar em torno das experiências do próprio corpo, como prática de pesquisa nómada, acerca do processo de me tornar investigadora, no qual as artes se ligam a experiências não (necessariamente) artísticas.

**Palavras chave:** corpo; pesquisa nómada; experiência; educação artística; sentido crítico

## RESUMEN

Entre Bastidores es un fanzine sobre los distintos lugares y relaciones donde se concibe, (re) piensa, reflexiona y sigue el proceso de creación de un proyecto educativo-artístico participativo y colaborativo sobre la creatividad simbólica, en el ámbito del

---

<sup>1</sup> Investigação desenvolvida com o apoio financeiro da Fundação para a Ciência e a Tecnologia – FCT, no âmbito do Orçamento de Estado e do orçamento comunitário através do Fundo Social Europeu (FSE), da União Europeia.

Doctorado en Educación Artística. El proyecto propone una exploración del movimiento corporal en la creación de significados críticos de aprendizaje en un contexto universitario.

El trabajo práctico se ha desarrollado con estudiantes del Grado en Educación y Formación, en la unidad curricular de Educación y Dinámicas Artísticas, y con profesores y estudiantes de doctorado, del Instituto de Educación de la Universidad de Lisboa, Portugal. Sin embargo, son varios los actores que conforman el quórum de investigación que colabora con nosotros, así como los espacios y experiencias pedagógicas donde se inventan las prácticas educativo-artísticas que proponemos.

Como nos incita el número de esta revista, “Entre Bastidores” se asume como un relato-performance didáctico sobre un diálogo (in)visual transdisciplinario en torno a las experiencias del propio cuerpo, como práctica de investigación nómada, sobre el proceso de convertirse en investigadora, en el que las artes están vinculadas a experiencias no (necesariamente) artísticas.

**Palabras clave:** cuerpo; investigación nómada; experiencia; educación artística; significado crítico

#### ABSTRACT

Backstage is a fanzine about the various places and relationships where one conceives, (re)thinks, reflects and follows the process of creating a participatory and collaborative educational-artistic project on symbolic creativity, within the scope of the PhD in Arts Education. The project proposes an exploration of body movement in the creation of critical meanings of learning in a higher educational context.

The practical work has been developed with students from the Degree in Education and Training, in the Education and Artistic Dynamics curricular unit, and with professors and doctoral students, from the Institute of Education at Lisbon University, Portugal. However, there are several actors that belong to the research quorum that collaborate with us, as well as the spaces and pedagogical experiences where the educational-artistic practices we propose are invented.

As the issue of this magazine urges us, “Backstage” assumes itself as a didactic performance-report on a transdisciplinary (in)visual dialogue around the experiences of the body itself, as nomadic research practice, about the process of becoming a researcher, in which the arts are linked to non (necessarily) artistic experiences.

**Keywords:** body; nomadic research; experience; arts and education; critical meaning

## Introdução: Ser singular-plural

Bastidores é uma das composições educativo-artísticas que sustenta e revela a contingência e fabricação das misturas e fissuras (in)visuais dos corpos, movimentos, ideias e espaços pedagógicos na construção do projeto de investigação no âmbito do Doutoramento em Educação Artística, que tenho vindo a desenvolver de forma colaborativa, no Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, em Portugal, desde 2019.

Podemos pensá-lo como parte de uma Matriosca, boneca russa que guarda em si várias outras, da maior à menor, mas que para ser possível compreender o significado de um processo de pesquisa que parte e nos encaminha em direção ao nós (figura1), o seu corpo deve ser aberto para (re)conhecermos o conjunto de relações que a coloca nesse plano de imanência de *ser singular-plural* (Nancy, 2000).

É sobre a condição de um corpo enquanto unidade orgânica e zona de inscrição sociocultural (Brasil, 2015; McLaren, 2002), e de um corpo enquanto pesquisa nómada que

iremos performatizar, por meio do uso simbólico da linguagem. Como nos ensina Nancy,

It is no longer a line that is drawn, or a line that will be drawn, which orients or gathers the meaning of a course of progress or navigation. It is the opening [la brèche] or distancing [lecartement] of horizon itself, and in the opening: *us*. (2000, p. XII).

Quando foi que aconteceu que o desejo de interrogar sobre a minha prática, passou a depender do desdobramento de um conjunto de partes vivas, cuja aderência aos seus fragmentos multiplicam a minha potência de aprender a investigar?

O presente relato pedagógico desdobra assim um diálogo sobre as minhas aprendizagens na construção do processo de me tornar investigadora, no decorrer do trabalho prático (ainda em curso), na unidade curricular Educação e Dinâmicas Artísticas, no Instituto de Educação; e as relações entre a criação das práticas de pesquisa propostas neste contexto, outros lugares e experiências pedagógicas

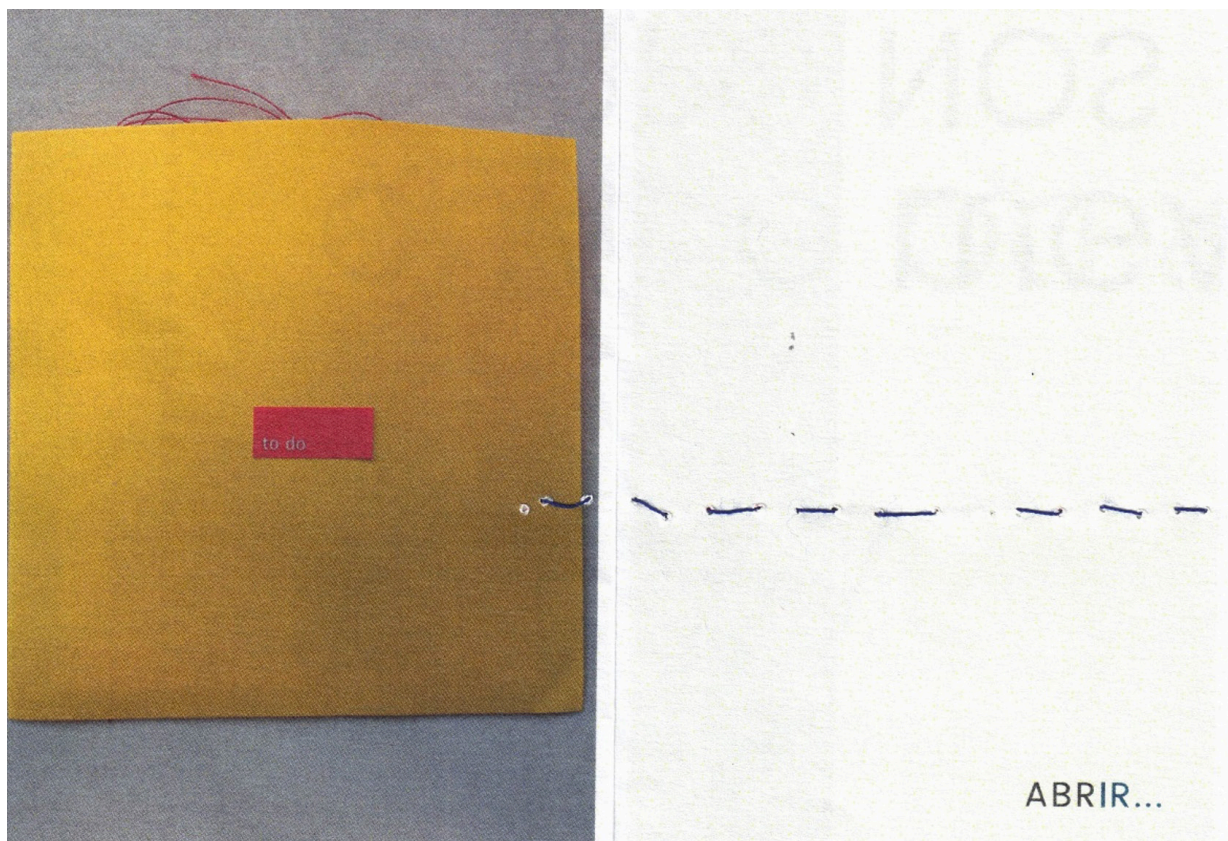


Figura 1 Abrir. Fonte: Art. 2021



e artísticas, dentro e fora do espaço institucional. Ao longo da escrita insinuam-se percepções sensíveis dos movimentos do meu corpo entre todos estes deslocamentos, em modo de reflexão sobre as suas implicações em processos de aprendizagem críticos.

### Contexto teórico-metodológico do projeto de investigação

O projeto de investigação que levamos a cabo e de onde extraímos este relato-pedagógico, tem por objetivo compreender como os processos artísticos colaborativos desenvolvem a criatividade simbólica, quando o corpo é convocado na criação de sentidos críticos de aprendizagem.

Entendemos a criatividade simbólica como um processo sociocultural, e por isso relacional (Glaveanu, 2015), na criação de sentidos críticos ancorados em experiências quotidianas, pelo recurso simbólico da linguagem, corpo e drama (Willis, 1990). Nesse sentido, defendemos que pode contribuir para conceber práticas de participação artística colaborativa e transdisciplinar para a construção de uma aprendizagem crítica, nas suas dimensões educativa, social e cultural, a partir da qual os seus autores se (re) apropriam das suas experiências de aprendizagem pela sua re-significação.

Seguimos uma metodologia baseada nas artes, a *a/r/* tografia (Irwin, 2013), que combina linguagem escrita e visual como modo de construção do conhecimento. Pelas suas potencialidades participativas e colaborativas abre a possibilidade de os participantes se tornarem investigadores ao longo do processo, contribuindo criticamente na sua construção e tomada de decisão, pelo seu posicionamento face aos seus contextos, experiências, relações educativas e sociais.

O trabalho prático tem sido desenvolvido como um ciclo de workshops no âmbito da unidade curricular de opção Educação e Dinâmicas Artísticas, do 3º ano da Licenciatura em Educação e Formação do Instituto de Educação e tem como participantes os alunos, a docente responsável da unidade curricular e doutorandos convidados da área da educação artística.

No início da disciplina os participantes-investigadores escolhem um tema social do seu interesse, em torno do

qual os pressupostos da investigação gravitam e os sentidos de aprendizagem se re-significam, por meio da exploração de movimento corporal e do registo de notas de campo em formato escrito, visual e vídeo, por todos os intervenientes.

### Ser (em pesquisa) nómada

A questão participativa e colaborativa não se encerra no grupo que viria a acolher o início do trabalho prático. Uma vez que eu própria me coloco e assumo o papel de participante na pesquisa, o projeto educativo-artístico estende-se de e para contextos educativos outros, potenciando (en)sarilhos nas nossas questões metodológicas.

O ingresso, permanência e desenvolvimento do projeto tem sido acompanhado por deslocamentos no espaço pois, vivo e investigo em zonas geográficas distintas.

A circulação pelo interior das brechas de que nos fala Nancy e das distâncias que afloram a aproximação ao que aparentemente nos é exterior, vão esboçando o prolongamento do meu estado de atenção ao fluxo de sentidos críticos escondidos das minhas experiências de aprendizagem dentro, fora e no espaço à volta do contexto educativo formal do Instituto de Educação. Nos seus corredores percebo como o gesto dos participantes-investigadores que tensionam o elástico (figura 2) sustenta a minha curiosidade, de com eles me insinuar dentro dos meus processos de aprendizagem, enquanto investigadora-participante. O nosso lugar comum acontece no quando de uma pergunta: como convocamos o corpo para criar sentidos críticos de aprendizagem, em contextos universitários?

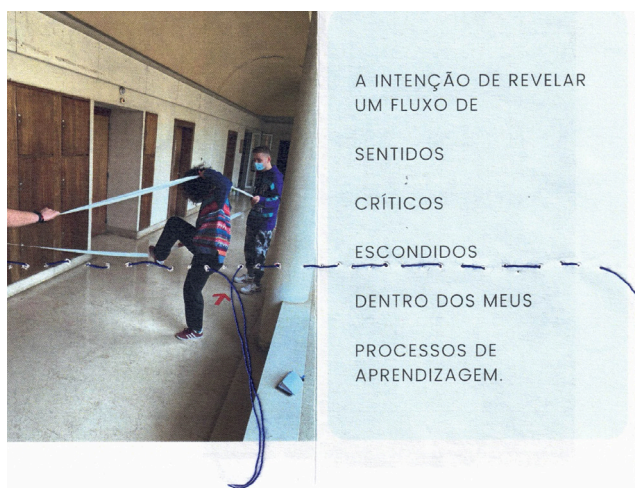


Figura 2 Revelar. Fonte: Art, 2021.

Créditos da fotografia: participante-investigadora

Vou sentindo deste modo, colocar-me numa posição de aprendiz de investigadora, envolvida numa prática de pesquisa nómada que compreende a aprendizagem “as a subjective, nomadic experience (rather than an educational outcome) and, on the other hand, by imagining strategies for capturing, representing, and sharing these learning practices” (Fendler, 2013, pp. 786-787). Não falamos de deambulismo como se fosse gratuita a tecitura das relações simbólicas entre a minha experiência intersubjetiva no mundo com o outro e a grande conversação teórico-prática que vou gestando. Antes, da invenção de modos de (se) investigar “De acordo com a vivência que narra e problematiza” (Paz, 2021, p. 623).

Um dos outros núcleos dessa conversação e gestação é o Grupo de Estudos sobre Processos Participativos e Artísticos de Investigação em Educação (GEPPAIE)<sup>1</sup> (online) do qual faço parte. Surge como um laboratório pedagógico onde experimentamos e refletimos sobre as possibilidades de tornar a construção do conhecimento num ato democrático baseado numa ética do cuidado (Caetano, 2019), que se religa vigilantemente ao gesto sensível de ser e estar em alteridade com o outro.

A implicação político-pedagógica da escuta migrante no GEPPAIE incorpora qualidades de movimento nas aulas (online) de Educação Somática, com os meus pares no Brasil. No estudo sobre a escuta do corpo aprendo como “A sensibilização do corpo em movimento, enquanto especialização de processos cognitivos relacionados ao saber-fazer da linguagem da dança, pode estender-se à prática de composição da vida cotidiana” (Brasil, 2015, p.88). As palavras escorrem da língua, tentam esconder-se fazendo um nó na garganta, passam pela faringe, incomodam o esófago e albergam-se no estômago, esperando serem chamadas a um recanto outro do corpo, para o espanto de uma percepção sensível sobre si mesmas.

Com Segni Mossi<sup>2</sup> (re)invento (online) movimentos para

1 GEPPAIE é um grupo de estudos não formal constituído por docentes, investigadores e doutorandos nas áreas da educação, formação de professores e educação artística, do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa. Visa ser um lugar para perguntar criativamente dentro do espaço educativo formal que já existe. Baseia-se em processos educativos participativos e colaborativos a partir de uma metodologia de autoestudo, com uma abordagem a/r/tográfica.

2 Em abril de 2021 fiz um workshop online com Segni Mossi, que conheci enquanto estudava uma tese do mesmo programa doutoral do qual faço parte, cuja orientação foi feita por docentes da Faculdade de Belas Artes



Figura 3 (Re)  
inventar. Fonte:  
Art, 2021

me (des)relacionar com posições (figura 3) nos espaços educativos a que me habituei, como esta onde estou agora, enquanto escrevo, a cadeira.

Quem disse que é, primordialmente aqui, que se aprende a evocar o pensamento por meio da combinação de palavras?

### Ser corpo como lugar (de aprendizagem) relacional

Em 2021 a pandemia ainda ocupa os espaços públicos, afastando os corpos. Vários são os atores que compõem o quórum de pesquisa que conosco colabora, mas poucos são os espaços onde os corpos encontram a presença física uns dos outros.

É para mim uma experiência quotidiana reconhecer o corpo como um texto em circulação, atropelado, disforme no prazer e na dor de sentir, sem embargo é “A partir do

da Universidade do Porto, Portugal, já que o doutoramento acontece entre estas duas instituições. A dupla de artistas italianos, da área da performance visual, pesquisa relações entre o desenho e o movimento com diferentes públicos. Segue uma abordagem participativa e colaborativa assumindo os participantes como investigadores no processo.



movimento [que] consigo desmontar o que penso” (reflexão de uma das participantes-investigadoras sobre o ciclo de workshops).

Em um ano vivi em quatro zonas geográficas distintas, de norte a sul de Portugal. Em cada uma delas a investigação não cessava de se pensar e desenvolver, andarilha. Em todas elas apenas não deixei de habitar um lugar, o meu corpo.

No corpo, mesmo que lhe falhe a organização pela inadequação dos enunciados socioculturais com que foi “agraciado” impera a continuidade da sua corporeidade. Outra, sim, que em cada novo pensar em movimento reconheça o sentido anterior, e interior, não apenas logicamente mas por suas sinuações afetivas, cozidas na memória do corpo, na pele, nos ossos, nas articulações, nas confissões nervosas dos seus fios de cabelo, pela mudança de cor ou sua queda (figura 4). Afinal, “Where does learning takes place?” (Fendler, 2013, p. 786).

No espaçamento entre um movimento e outro encontro possibilidades de participação na re-significação dos sentidos e discursos que habito e pelos quais sou ocupada. McLaren (2002, p.66) chamou a este processo “refreshed corporeality”.

Como a Matriosca e o projeto de investigação, o meu corpo guarda em si o conjunto de relações das experiências de aprendizagem de estar-a-ser-com-o-outro. Todas elas transitam em mim refletidas no movimento do meu corpo, que por isso se legitima como lugar de aprendizagem relacional, “body and mind as co-existing in relation to structures, discourses, time, place, and other (...) [makes it] corporeal, biological, sensual, social, cultural and ultimately relational (Perry & Medina, 2011, p.63). Não se exhibe como um resultado do vivido, antes se expressa como um cais simbólico dos modos em devir como eu, doutoranda a aprender a ser investigadora, se deixa afetar pelos movimentos da pesquisa com o(s) outro(s) e a partir deles compõe.

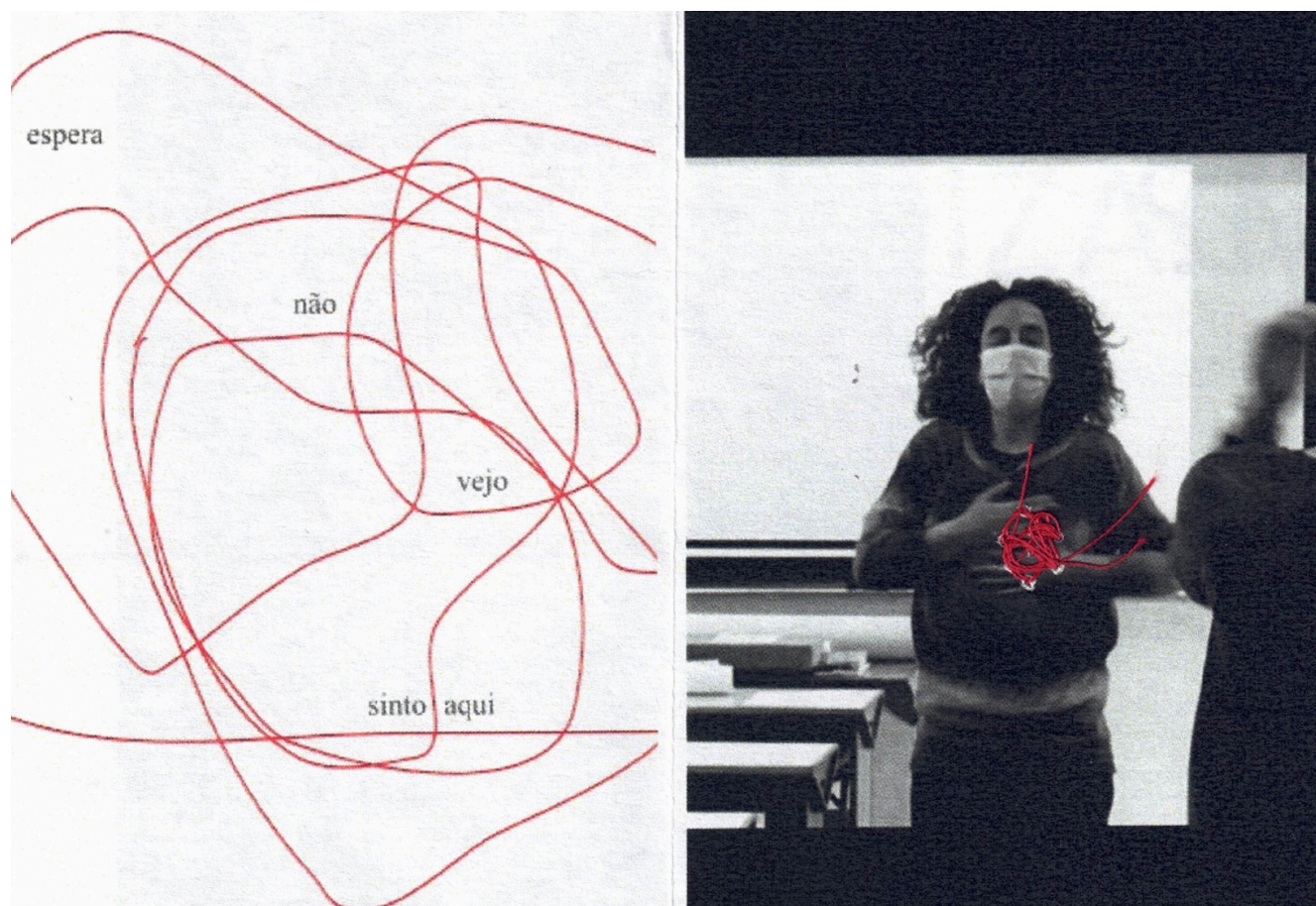


Figura 4 Corpo: lugar de aprendizagem relacional. Fonte: Art, 2021. Créditos da fotografia: Ana Serra Rocha

## Notas finais

Durante a escrita deste relato pedagógico detive-me nas reflexões em torno de movimentos de problematização na criação de práticas de pesquisa, no desenvolvimento de um projeto de investigação no âmbito do Doutoramento em Educação Artística, em andamento. Os seus movimentos vêm-se compondo pela busca curiosa das relações entre os espaçamentos, como afirmações da pluralidade de sentidos de aprendizagem contidos na singularidade das experiências apresentadas.

No processo de me tornar aprendiz de investigadora, vou-me aproximando de compreensões sobre a necessidade de participar criticamente na minha experiência mesma, como uma inquietude que prescreve a fixação a um fim ou conclusão, em favor de um deslocamento que coincidentemente procura traduzir o contacto plural com o sentido singular que venho questionando: o corpo como lugar de aprendizagem relacional.

Enquanto participante na investigação coloco-me em relação não só com o desenho do meu objeto de estudo e metodologia, mas também com os objetivos e linhas orientadoras da unidade curricular e com os participantes-investigadores. Eu quero sentir, conhecer e compreender o que é psicossomaticamente mobilizado no que peço para comigo explorarem.

Dessa forma, comprometo-me com “embodied discourses [that] emerge in pedagogical interactions” (Perry & Medina, 2011, p. 70), a partir da invenção e participação nas minhas próprias experiências pedagógicas, ao procurar pares, pontos de vista, lugares, experiências e suas relações, onde possa questionar e refletir sobre os pressupostos e práticas que me proponho investigar, através da exploração do movimento do meu corpo no meu quotidiano.

A compreensão do meu corpo através dos diferentes deslocamentos no espaço e suas relações, apresentadas neste relato por meio da combinação de linguagem escrita e visual, sugerem camadas dos meus movimentos de aprendizagem nómada, onde assumo: ser uma aprendiz que se vai tornando investigadora (GEPPAIE); ser participante-investigadora (Segni-Mossi); ser investigadora-participante (unidade curricular Educação e Dinâmicas Artísticas).

Os significados sociais e éticos embutidos em tais práticas de pesquisa, concentram-se na negociação das tensões entre as posições-identidades que vou assumindo em relação ao problema de investigação, e para as quais convido os participantes-investigadores a provocar a sua experiência.

É importante frisar como a a/r/tografia tem permitido a cada participante a criação da sua *persona* investigador/a, que se vai apropriando da sua própria experiência de aprendizagem pela observação e registo, para posterior interpretação e reflexão (apontamentos sobre notas de campo dos participantes-investigadores no ciclo de workshops), usufruindo “da convocação do corpo como zona relacional com o espaço, ampliando a capacidade de pensamento e expressão, libertando-nos para um ambiente mais profundo e ativo de questionamento e transmissão de discernimentos” (reflexão de uma das participantes-investigadoras sobre o ciclo de workshops).

As fissuras-entre-nós e as posições-identidades que vamos assumindo têm-se revelado o lugar de problematização onde se criam sentidos de aprendizagem críticos, entendidos como chegadas simbólicas a outros acessos:

At the point where we would expect “something,” a substance or a procedure, a principle or an end, a signification, there is nothing but the manner, the turn of the other access, which conceals itself in the very gesture wherein it offers itself to us — and whose concealing *is* the turning itself” (Nancy, 2000, p.14).

E assim, como que poderíamos voltar ao início deste relato para chegar a outros espaçamentos, por agora, em invisibilidade (figura 5).

## Agradecimentos

Agradeço a todos os alunos participantes-investigadores, professores e doutorandos envolvidos na co-criação do Projeto de Doutoramento que desenvolvo, ao Grupo de Estudos sobre Processos Participativos e Artísticos de Investigação em Educação (GEPPAIE) e ao Instituto de Educação da Universidade de Lisboa.

## Referencias

Brasil, A. C. C. A. (2015). A técnica Klaus Vianna de dança e educação somática e a produção de subjetividade do corpo artista na contemporaneidade. *Revista Científica/FAP Curitiba*, 13, 77-93. <http://periodicos.unespar.edu.br/index.php/revistacientifica/article/view/823>

Caetano, A. P. (2019). Ética na investigação-ação – alguns apontamentos de reflexão. *Estreia Diálogos*, 4(1), 53-72. [https://8835c378-42a1-4ae0-9760-5ce4b8d2d152.filesusr.com/ugd/eb8d33\\_f1a4a418060644cd8be3f58ddac1eb50.pdf](https://8835c378-42a1-4ae0-9760-5ce4b8d2d152.filesusr.com/ugd/eb8d33_f1a4a418060644cd8be3f58ddac1eb50.pdf)





Figura 5 Bastidores: corpo, lugares, experiências e suas relações na criação de sentidos críticos de aprendizagem. Tamanho: A4. Fonte: Art, 2021

Fendler, R. (2013). Becoming-Learner: Coordinates for Mapping the Space and Subject of Nomadic Pedagogy. *Qualitative Inquiry*, 19(10), 786-793 <https://doi.org/10.1177/1077800413503797>

Glaveanu, V. P. (2015). Creativity as a sociocultural act. *The Journal of Creative Behaviour*, 49(3), 165-180. <https://doi.org/10.1002/jocb.94>

Irwin, R. L. (2013). La práctica de la a/r/tografía. *Revista Educación y Pedagogía*, 25(65-66), 106-113. <https://revistas.udea.edu.co/index.php/revistaeyp/article/view/328771>

McLaren, P. (2002). Schooling the postmodern body: critical pedagogy and the politics of enfleshment. In Peter McLaren (Org), *Critical Pedagogy and Predatory Culture - Oppositional politics in a postmodern era* (pp.58-84). London & New York: Routledge

Nancy, J.-L. (2000). *Being Singular Plural*. Stanford University Press.

Paz, A. L. (2021). A escrita da tese à procura da investigação sobre a vida: uma auto-etnografia dos processos de apropriação e ensino da escrita académica. *Currículo sem Fronteiras*, 21(2), 620-652. <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol21iss2articles/paz.pdf>

Perry, M. & Medina, C. (2011). Embodiment and Performance in Pedagogy Research: Investigating the Possibility of the Body in Curriculum Experience. *Journal of Curriculum Theorizing*, 27(3), 62-75.

[https://www.researchgate.net/publication/279638142\\_Embodiment\\_and\\_Performance\\_in\\_Pedagogy\\_Research\\_Investigating\\_the\\_Possibility\\_of\\_the\\_Body\\_in\\_Curriculum\\_Experience](https://www.researchgate.net/publication/279638142_Embodiment_and_Performance_in_Pedagogy_Research_Investigating_the_Possibility_of_the_Body_in_Curriculum_Experience)

Willis, P. (1990). *Common culture: symbolic work at play in the everyday cultures of the young*. Buckingham: Open University Press.